

A questão da construção da identidade na relação Cinema e Internet

Clarisse de Mendonça e Almeida*

Resumo: O presente artigo propõe uma reflexão, a partir da análise da produção cinematográfica “Caixa Dois” (Brasil, 2007) sobre como as representações sociais sobre a Internet no Cinema estariam contribuindo para a construção de um novo modelo de identidade do homem pós-moderno. Esse filme faz parte de um *corpus* de 20 (vinte) filmes selecionados para nosso projeto de dissertação “Representações da Internet sob o olhar do Cinema”. O objetivo do artigo é pensar sobre como os personagens presentes no filme analisado reforçariam uma relativização no antigo antagonismo – tão fortemente presente na história das produções cinematográficas – do homem bom *versus* o homem mau.

Palavras-chave: Cinema, Internet, Identidade.

Abstract: This article proposes a reflection from the analysis of film production "Caixa Dois" (Brazil, 2007) about the social representations on the Internet at Cinema would contribute to building a new model of identity of post-modern man. This film is part of a corpus of 20 (twenty) films selected for our project dissertation, "Representations of the Internet under the gaze of Cinema." The purpose of the article is thinking about the characters in the film examined strengthen relativizing in an old antagonism - so strongly present in the history of film - man's good versus evil man.

Keywords: Movies, Internet, Identity.

*Clarisse de Mendonça e Almeida é mestranda em Educação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, pós-graduada em Mídia, Tecnologia da Informação e Novas Práticas Educacionais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ) e graduada em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ).

1 – Introdução

O Cinema sempre trabalhou com um nítido afastamento entre figuras que representariam o mau e o bom. Não foram poucas as produções cinematográficas que exploraram a representação social do homem bom *versus* o homem mau fazendo-nos crer que somos formados por uma identidade que segue uma lógica binária como se houvesse uma linha separando essas duas esferas. O Cinema sempre se apossou das figuras arquetípicas do herói e do anti-herói para construir seus protagonistas e antagonistas e, assim, reforçar, ainda mais, a divisão de uma identidade que se mostrava como boa ou como má.

O que propomos aqui é refletirmos sobre uma possível relativização entre essas duas esferas como um traço característico da pós-modernidade e de uma sociedade que se constrói e se reconstrói diariamente a partir do que lhe oferece as novas tecnologias de informação. Refletiremos, ainda, como e se o Cinema se rende a um novo protagonista que ora se coloca como herói e ora como anti-herói reforçando, assim, a representação do homem atual com uma personalidade conflituosa, eclética e híbrida. Para tanto, partiremos da leitura do filme *Caixa Dois* (Brasil, 2007) e questionaremos como as identidades na pós-modernidade são construídas partindo de uma dinâmica própria, muitas vezes fluida, contraditória, influenciadas ou não pelo que as novas tecnologias de comunicação lhes oferecem. A escolha e a relevância do Cinema como meio objeto da pesquisa se dá, em grande parte, ao que coloca Rosália Duarte, em *A Pedagogia da imagem fílmica: filmes como objeto de pesquisa em educação*. O Cinema assume uma importância social na medida em que suas narrativas são reconstruídas no imaginário do telespectador e traduzidas em práticas sociais. Segundo ela: “Os filmes deixaram de ser vistos apenas como opção de lazer e passaram a ser objeto de pesquisa valioso tanto por si mesmos quanto pelo que revelam das representações e práticas sociais das culturas que os produzem e/ou consomem”. (DUARTE, 2000:208)

No filme, *Caixa Dois*, Luiz Fernando (Fúlvio Stefanini) é um banqueiro que em uma transação financeira consegue um “ganho extra” de R\$ 50 milhões. Como o doleiro que geralmente desconta o cheque e envia os dólares para sua conta em Zurique entra em coma, Luiz decide usar sua secretária (Giovana Antonelli) como "laranja". Porém ele se vê em apuros quando Romeiro (Cássio Gabus Mendes), seu funcionário e que levaria inicialmente R\$ 2 milhões da transação, coloca um dígito errado ao fazer o depósito. Isto faz com que o dinheiro caia na conta de Lina (Zezé Polessa), cujo marido Roberto (Daniel Dantas) foi

recentemente demitido pelo banco de Luiz Fernando. Ao saber do caso ela se recusa a fazer o estorno, gerando discussões sobre quem vai ficar com o dinheiro.

Para compreendermos melhor a temática aqui proposta de uma reflexão sobre a questão da construção da identidade, o Cinema e a Internet, torna-se importante entendermos melhor o papel que cada personagem assume no filme:

- Roberto – gerente de banco, empregado do Banco Federal de propriedade de Luiz Fernando, casado com Lina e pai de Henrique. Homem honesto, trabalhador, se vê, de repente, demitido do banco para o qual trabalha há 25 anos.
- Luiz Fernando – proprietário e fundador do Banco Federal, faz transações e aplicações financeiras usando dinheiro do *caixa dois* do banco.
- Carlão – empresário contratado por Luiz Fernando para lavar dinheiro, sofre um derrame cerebral e entra em coma no início do filme.
- Lina – Esposa de Roberto, mãe de Henrique, professora.
- Henrique – filho de Lina e Roberto, estudante de informática, considerado o melhor aluno da faculdade, mas também age como hacker junto com seu amigo Capilé.
- Capilé – amigo de Henrique, hacker, se dedica a invadir sites “seguros” para depois oferecer seus serviços em informática.
- Ângela – secretária de Luiz Fernando, namorada de Henrique, usada como “laranja” na transação.
- Romeiro – assessor pessoal de Luiz Fernando, formado em Harvard.

2 – O herói, o anti-herói e a pós-modernidade

A cinematografia nunca escondeu seu fascínio pela representação social da figura arquetípica do herói *versus* o anti-herói. Revendo a história do Cinema, podemos pensar no herói – na maioria das vezes, o protagonista – como aquele sujeito altruísta capaz de defender a sociedade contra todos os males carregando em si o discurso do bem intencionado, do protetor do mundo. Indo mais a fundo nos preceitos de Carl Jung (1987) podemos pensar na figura arquetípica do herói como uma figura humana, capaz de atos louváveis e de se sacrificar em nome da humanidade e o que lhe move é, justamente, a possibilidade de mudar algo. Em *Caixa Dois*, esse papel cabe ao protagonista Roberto. No entanto, notemos que, ao longo da narrativa – e sobre isso falaremos mais a frente –, sua personalidade é desconstruída e reconstruída em diversos momentos:

O mito do herói é o mais comum e o mais conhecido em todo o mundo. São mitos que variam em detalhes mas, quanto mais os examinamos mais percebemos o quanto se assemelham na estrutura. Isto quer dizer que guardam uma forma universal mesmo quando desenvolvidos por grupos ou indivíduos sem qualquer contato cultural entre si. (JUNG, 1964: 110)

A figura arquetípica do anti-herói, por outro lado – o antagonista, no caso do Cinema – seria aquele que possui valores inversos ao herói que, tampouco, possui vocação heróica e que carrega, em si, um sentimento de egoísmo e vaidade. E, a partir, justamente, dessa divisão binária, o Cinema sempre construiu seus protagonistas e antagonistas.

Em *Caixa Dois*, podemos estabelecer relações entre a representação social dos heróis construídos na cinematografia recente e a pós-modernidade. As representações sociais seriam conjuntos dinâmicos, que se modificam na velocidade das informações construindo comportamentos socialmente elaborados e compartilhados. Entendemos as representações sociais aqui como o “saber do senso comum” (DAUSTER, 2000: 61).

Trata-se de uma forma de conhecimento socialmente elaborado e partilhado que nos ajuda a apreender os acontecimentos da vida cotidiana, a dominar o ambiente, a facilitar a comunicação de fatos e idéias e a nos situar frente a pessoas e grupos, orientando e justificando nosso comportamento. (DAUSTER, 2000: 62)

O filme *Caixa Dois* começa, justamente, mostrando duas realidades marcadamente distintas do herói e do anti-herói. Por um lado, o milionário investidor banqueiro Luis Fernando – essa imagem é reforçada pelo discurso que ele assume de sempre “querer se dar bem”. Do outro, o bancário Roberto e sua esposa Lina, moradores de um bairro do subúrbio, humilde, que se mostram indignados com as manchetes do dia nos jornais onde, para eles, o que importante é o trabalho digno e honesto. Assim como o herói que acredita que tem uma missão a cumprir, Roberto se dedica a trazer economia e lucro para a empresa para a qual trabalha – o Banco Federal de propriedade de Luis Fernando.

Com o desenrolar da trama, o que encontramos é uma ruptura com a figura clássica do herói, solitário, carregado de moralismos que, num momento seguinte, pode adotar a postura de anti-herói. Ele já não luta apenas pelo bem comum, ele luta também pela sua sobrevivência, pela conquista do seu espaço no cotidiano. O herói pós-moderno traz em si incertezas,

contradições, fraquezas que o diferenciam da figura arquetípica pensada, inicialmente, por Jung. Dessa forma, é construído o casal de protagonistas de *Caixa Dois* – Roberto e Lina. Já a figura do anti-herói se mostra intocada através de Luis Fernando – de personalidade egoísta, interessado apenas em satisfazer seus próprios interesses, dissimulado e carismático.

No desenrolar da trama, ocorre uma relativização no antigo antagonismo herói e anti-herói. O mesmo indivíduo, Roberto, munido de atitudes corretas e coerentes, adota, no momento seguinte, posturas questionáveis eticamente. Tal constatação nos remete ao que já foi dito por Stuart Hall, em *A identidade cultural na pós-modernidade* (2006). Para ele, as identidades pós-modernas, – construídas, também, a partir da relação que o homem estabelece com as novas tecnologias de informação – são fragmentadas, deslocadas onde o mesmo homem pode assumir diferentes posições e trafegar entre o bom e o mau, o certo e o errado, sempre em constante transformação. Somos, o tempo todo, confrontados com uma série de representações sociais com as quais nos identificamos e absorvemos ou não. Dessa forma, a identidade pós-moderna pode ser contraditória, pode se deslocar e se cruzar em momentos seguidos, ou ainda, como afirma Hall, tornar-se “uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2006:13). Ou seja, nosso íntimo carrega sentimentos contraditórios que nos guiam para diferentes direções. Vejamos o que diz Stuart Hall:

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se fragmentando; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais tornou-se mais provisório, variável e problemático.
(HALL, 2006: 12)

Em *Caixa Dois*, o protagonista da história, Roberto e sua esposa Lina, que assumem desde o início, uma postura de indivíduos éticos em suas atitudes e escolhas, no fechamento da trama, se tornam coniventes com as falcatruas propostas por seu filho e aceitam ficar com o dinheiro desviado de seu patrão. Já que, para isso, bastou um clique no mouse do computador para que a transferência bancária fosse consumada e o dinheiro depositado em sua conta.

Outro personagem, Henrique, filho de Roberto, também assume posturas nobres e outras não tão nobres ao mesmo tempo. Ele se mostra um filho dedicado, bem educado, e no momento seguinte, participa de “aventuras ilegais” pela rede. Ao mesmo tempo em que Henrique é um aluno exemplar da faculdade de Informática do país, ele usa seu conhecimento para assumir a figura de um *hacker*. Ele pertence a uma comunidade que se criou numa relação próxima e natural com as mídias.

2.1 - Novas tecnologias de informação

A presente reflexão sobre a forma como as imagens e informações que circulam na sociedade são incorporadas pela consciência comum nos é reforçada também por Muniz Sodré, em *Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos*. Segundo o autor:

A identidade desenraiza-se, libera-se de suas contenções físicas localizáveis num espaço determinado e aceita possibilidades inéditas de heterogeneização ou mesmo de fragmentação. A imagem, o imaginário delirante investem de tal profundidade no ser orgânico das instituições éticas que a consciência do sujeito assim como as relações intersubjetivas não podem deixar de ser afetadas. (SODRÈ, 1996: 178)

A construção das identidades e a relação que os homens estabelecem com as mídias são temáticas de John B. Thompson, em *Mídia e a Modernidade*. Segundo ele, os indivíduos, a partir da relação que estabelecem com as novas tecnologias de informação, “podem elevar-se acima de seus contextos de vida e, por um momento, perder-se em outro mundo”. Para ele, “nós estamos o tempo todo ativamente nos modificando por meio de mensagens e de conteúdo significativo oferecidos pelos produtos da mídia (entre outras coisas)” (THOMPSON, 1998: 43; 46).

Em *Caixa Dois*, os personagens centrais, Roberto, Lina, Henrique, Luis Fernando – cada um através da relação que constroem e estabelecem com as novas tecnologias de comunicação são capazes de vivenciar experiências que estariam longe de acontecer se não houvesse essa proximidade. Para Lina e Roberto, basta um clique no mouse para se tornarem milionários e essa facilidade, de alguma forma, os faz rever valores já enraizados como honestidade e ética. Henrique e Capilé, por outro lado, são frutos de uma geração em que experimentar novos papéis com (e pelas) mídias é algo natural e que acontece sem conflitos. Sobre esse ponto afirma Thompson:

O seqüestro das experiências de locais espaço-temporais da vida cotidiana vai de mãos dadas com a profusão de experiências mediadas e com a rotineira mistura de experiências que muitos indivíduos dificilmente encontrariam face-a-face. (THOMPSON, 1998: 182)

3 – Considerações finais

O filme *Caixa Dois* nos remete a dois momentos. Num primeiro somos confrontados com a figura de Roberto, um homem honesto e trabalhador, morador do subúrbio, e de Luis Fernando, um milionário, trambiqueiro e egoísta. Claramente, nesse momento, estabelecemos uma relação de proximidade com Roberto e um afastamento de Luis Fernando. Identificamos-nos com o nosso herói, mas, conforme a narrativa se constrói passamos a alternar momentos de distanciamento e afastamento diante de suas atitudes e escolhas.

A partir dessa dinâmica e traçando uma relação com as novas tecnologias de informação, emerge um indivíduo construindo uma identidade que pode ser contraditória, fluida e híbrida que se desloca e se cruza em vários momentos. Nasce, assim, a figura de um novo herói que, conectado ao que o mundo lhe oferece pela Internet, pode se sentir pertencendo muito mais a um grupo distante geograficamente do que daquele presente ao seu lado fisicamente. O herói pós-moderno carrega incertezas, fraquezas, questionamentos que desconstroem e reconstroem sua identidade a partir da relação que estabelece também com as novas tecnologias de informação. O herói pós-moderno pode se assumir, no momento seguinte, como anti-herói, levando o espectador a identificações e reflexões sobre si próprio.

Referências

- CAIXA Dois, 2007, de Bruno Barreto, 90 minutos aprox., sonoro, colorido, Globo Filmes, Brasil.
- DAUSTER, Tânia et al. **Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- DUARTE, Rosalia. A pedagogia da imagem fílmica: filmes como objeto de pesquisa em educação. **Cadernos de Antropologia e Imagem, Rio de Janeiro**, v.10, UERJ, 2000.
- JUNG, Carl Gustav. **O Homem e seus Símbolos**. São Paulo: Nova Fronteira, 1987.
- SODRÈ, Muniz. **Reinventando a Cultura: a comunicação e seus produtos**. Petrópolis: Vozes, 1996.

STUART, Hall. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

THOMPSON, John B. **A Mídia e a Modernidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.